

Economia - Brasil

Lucro tipo exportação

Remessas de multinacionais e até de empresas brasileiras já cresceram 32,5% no ano

Editoria de Arte

Ronaldo D'Ercole

SÃO PAULO

O forte ritmo da atividade econômica brasileira, puxada pela retomada da demanda interna e pela vigorosa expansão das exportações, proporcionará lucros históricos às empresas em 2004 e também um novo recorde para o país na área externa. As remessas de lucros e dividendos feitas por companhias multinacionais e por empresas brasileiras que têm ações negociadas em bolsas internacionais somavam US\$ 7,154 bilhões de janeiro até novembro deste ano, cifra 32,57% maior que a do mesmo período de 2003.

O valor nos 11 primeiros meses de 2004 já é, inclusive, 11,7% maior que os US\$ 6,4 bilhões em lucros e dividendos remetidos ao exterior pelas empresas instaladas no país em todo o ano passado.

Desde agora, trata-se do maior volume de transferências de lucros e dividendos do país desde a adoção do regime de câmbio flutuante, em janeiro de 1999. A tendência é que essa cifra suba ainda mais até o fechamento do ano, já que dezembro é tradicionalmente um mês com elevados volumes desse tipo de operação.

— Esse aumento de remessas é fruto de um conjunto de fatores. O ano de 2003 já foi melhor para as empresas, que continuaram expandindo seus ganhos este ano. Mas o dólar mais barato explica em boa parte esse salto agora nas remessas — diz Nélcio Weiss, sócio da consultoria PricewaterhouseCoopers (PWC).

A conta é simples: uma empresa multinacional que tenha lucrado R\$ 1 milhão em 2003 e remeteu o dinheiro ao longo do mesmo ano, quando o dólar médio ficou em R\$ 3,50, engordou os cofres de sua matriz com US\$ 285 mil. Se em vez disso a subsidiária no Brasil programou a distribuição dos ganhos para este ano, seus acionistas lá fora receberam US\$ 370 mil.

— As empresas que entraram no país durante as privatizações devem aproveitar esse momento. Isso, claro, dependendo dos seus planos de investimento — acrescenta Weiss.

Petrobras, Vale e Embraer enviam dólares para fora

• Depois de arrematar em 1998 — durante o leilão de privatização do Sistema Telebrás — a operadora de telefonia fixa Telesp, de São Paulo, e algumas companhias de telefonia móvel em outros estados, o grupo espanhol Telefónica passou três anos sem distribuir os lucros auferidos no Brasil. Até 2001, além dos US\$ 18 bilhões que desembolsou pelo controle das empresas que comprou aqui, o grupo investiu no país R\$ 12,58 bilhões na ampliação e em modernizações de sua rede de telecomunicações. Somente a partir de 2002, a matriz espanhola, que detém 85% do capital das empresas do grupo no Brasil, começou a

O volume das remessas

A EVOLUÇÃO DO ENVIO DE LUCROS

E DIVIDENDOS AO EXTERIOR (em US\$ bilhões)

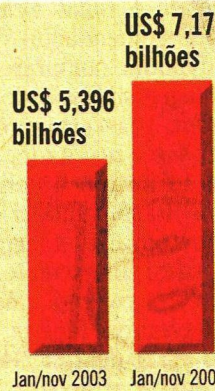


Valores remetidos este ano até novembro já superam em 11,7% os US\$ 6,403 bilhões de todo o ano passado, e são 32,57% maiores que o total remetido no mesmo período de 2003



(*) valores acumulados de janeiro a novembro

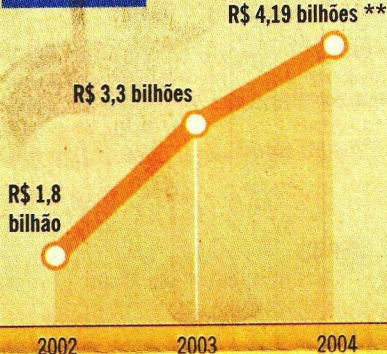
Variação: +32,57%



DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DE GRANDES EMPRESAS

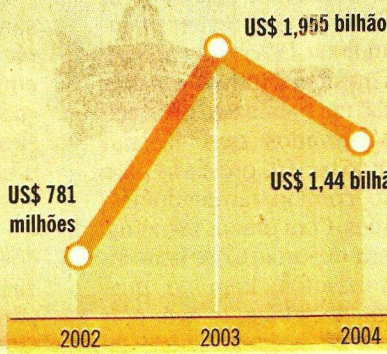
(Lucros e dividendos distribuídos a acionistas)

Telefónica



A Telefónica de Espanha controla cerca de 85% do capital total do grupo no Brasil, sendo essa sua participação nos lucros distribuídos

PETROBRAS



Como tem 40% do seu capital na forma de ADRs, negociados em Nova York, a Petrobras destina parcela equivalente de seus lucros e dividendos a investidores nos exterior

Fontes: Banco Central e empresas

(**) lucros distribuídos até 16/12/2004 (***) lucros distribuídos até 30/09/2004

ver a cor dos resultados das subsidiárias.

Naquele ano, a Telefónica/Telesp registrou um lucro líquido de R\$ 1,07 bilhão e distribuiu R\$ 1,8 bilhão (valor bruto, ou seja, antes dos impostos) aos seus acionistas. Em 2003, foram R\$ 3,38 bilhões na forma de juros sobre o capital próprio e dividendos. Este ano, o grupo distribuiu R\$ 4,198 bilhões até o último dia 16.

O lucro da Telesp — o principal negócio do grupo no Brasil — nos nove primeiros meses deste ano foi de R\$ 1,47 bilhão, o melhor resultado em 17 anos, segundo estudo da consultoria Econômica.

— No início, houve a decisão de postergar a distribuição de resultados para atender as metas de universalização e modernizar nossa rede — observa o presidente da Telefónica no Brasil, Fernando Xavier Ferreira, sobre a estratégia de distribuição de lucros e dividendos da filial brasileira. — Hoje, somos o segundo maior grupo privado em faturamento no país.

Por isso é natural que nossos números absolutos sejam grandes.

Com a internacionalização dos negócios, grandes companhias nacionais também têm contribuído para engordar as remessas de lucros e dividendos ao exterior. Com ações negociadas em bolsas internacionais, empresas como Embraer, Companhia Vale do Rio Doce, Gerdau, AmBev e, mais recentemente, até a novata Gol têm de remunerar seus investidores lá fora e para isso precisam ir ao guichê do Banco Central (BC). Oficialmente, a autoridade monetária é quem faz a troca de reais pelos dólares que as empresas vão mandar para o exterior.

Até a estatal Petrobras distribui lucros e dividendos no exterior, uma vez que tem 40% do seu capital em ADRs (papeléis negociados na Bolsa de Nova York). E também tem aumentado os valores distribuídos aos acionistas. No ano passado, a Petrobras teve lucro de US\$ 6,5 bilhões e distribuiu US\$ 1,95 bilhão em di-

videndos a seus acionistas no país e no exterior. Este ano, seus ganhos até setembro foram de US\$ 4,48 bilhões e os dividendos distribuídos no período somaram US\$ 1,44 bilhão.

Para os especialistas, entretanto, a generosa safra de distribuição de dividendos deste ano pode não se repetir em 2005. As boas perspectivas para a economia brasileira, a maior clareza sobre os marcos regulatórios setoriais e a aprovação de instrumentos como as Parcerias Público-Privadas (PPP) podem fazer com que as empresas direcionem uma parcela maior dos resultados a novos investimentos no país.

— Se ficar claro que o crescimento da economia é sustentado, o retorno pode ser maior e a maior parte dos lucros ficar no país — diz Weiss, da PWC, lembrando que os fluxos de investimentos estrangeiros diretos para o Brasil voltaram a crescer no segundo semestre deste ano. — É sensível a recuperação do interesse do dinheiro novo pelo Brasil. ■